

## OS JOGOS DE PODER E AS DINÂMICAS DO CORPO EM PLATÃO E FOUCAULT

Maria Veralúcia Porto<sup>1</sup>  
Iraquitã de Oliveira Caminha<sup>2</sup>

### **Resumo:**

Platão preconizou que para o homem viver bem fazia-se necessário a harmonia entre corpo e alma. Assim, como entender a metáfora do corpo enquanto cárcere da alma proposta pelo ateniense? Segundo Foucault, contemporaneamente o corpo foi destituído de uma alma, em um jogo de poderes que aspiram por sua disciplina e sua regulamentação. O corpo se desdobra em dois modos principais: o corpo fabril, produtivo; o corpo servil, submisso. O corpo como cárcere em Platão e o corpo como produtivo e escravo, manifestos na sociedade contemporânea, seriam representações de um mesmo projeto, a saber, do processo que Foucault retoma dos gregos e que implica na necessidade do cuidado de si e da busca da liberdade. Este trabalho procura apresentar os jogos de poder e as dinâmicas do corpo em Platão e Foucault, considerando algumas questões do *Filebo* de Platão e de duas obras de Foucault *História da Sexualidade* e *Vigiar e punir*.

**Palavras-chave:** Platão; Foucault; Corpo; Sociedade; Poder.

### **Abstract:**

Plato recommended that for man to live well made necessary the harmony between body and soul. So, how to understand the metaphor of the body while prison of the soul by Athenian? According to Foucault, in contemporary times the body was devoid of a soul, in a game of powers who aspire for their discipline and their regulation. The body unfolds in two main modes: the manufacturing body, productive; the servile, submissive body. The body as a prison in Plato and the body as productive and slave manifests in contemporary society, would be representations of the same project, namely, the process that Foucault retrieves the Greeks and which implies in need of care themselves and the pursuit of freedom. This work seeks to present the power games and the dynamics of the body in Plato and Foucault, considering questions of the *Philebus* of Plato and of two works of Foucault, *History of Sexuality* and *Discipline and Punish*.

**Keywords:** Plato; Foucault; Body; Society; Metaphor; Power.

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte — UERN. Em doutoramento na Universidade Federal da Paraíba — UFPB (E-mail: veraluciapessoaporto@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia. Professor da Universidade Federal da Paraíba — UFPB — do Programa de Pós-graduação em Filosofia (E-mail: caminhairaquitan@gmail.com).

## Introdução

Este artigo busca apresentar as noções de *jogos de poder* e de *dinâmicas do corpo* a partir das concepções desenvolvidas por *Platão* e *Foucault* enquanto autores que partilham, em certo sentido, de uma compreensão do corpo e do seu lugar na constituição tanto do homem como da sociedade. Para tanto, nos deteremos em algumas questões presentes no *Filebo* e na *República* de Platão, bem como nas obras *História da Sexualidade* e *Vigiar e punir* de Foucault.

Tanto em Platão como em Foucault as perspectivas abertas pela metáfora do corpo nos remetem a ricas considerações sobre o homem e a sociedade como dois momentos, dois termos de uma mesma equação, bem como, por outro lado, sobre as possíveis relações entre esses dois termos no âmbito da teoria social. Assim, para aqueles que consideram a teoria de Platão como algo sem lugar no mundo atual, caberia dar uma olhada na tese do historiador inglês David Priestland<sup>3</sup> que defende a existência de três classes dirigentes fundamentais na história do capitalismo, a saber: os sábios, os guerreiros e os comerciantes. Essa compreensão, *mutatis mutandis*, se assemelha em muito à composição dada por Platão às classes constitutivas necessárias ao pleno funcionamento de sua cidade pensada na *República*. Longe de afirmar ser Platão o precursor do Capitalismo, importa salientar aqui, a partir das relações com a tese levantada por Priestland, a vivacidade de sua construção teórica na *República*.

Nesse sentido, compreensões canônicas que salientam a famosa concepção do corpo como cárcere em Platão tem suas ressonâncias com as concepções do corpo em seu aspecto produtivo e mesmo escravo, como ferramentas do modo de produção, segundo sua manifestação na sociedade contemporânea. Essas representações apresentariam aspectos de um mesmo projeto, a saber, da denúncia das formas de configuração e dos limites dados ao corpo em meio aos processos socioeconômicos, daí a necessidade vislumbrada por Foucault de retornar e retomar dos gregos a prática do *cuidado de si* e, também associada à esta, da busca pela *liberdade*.

Nesse sentido, um sujeito ético e uma estética da existência se referem e se reportam à busca de uma vida bela e justa, ou seja, ao ideal de vida grego, considerado, entretanto, a partir da rejeição de Foucault de um ideal de homem e de um conceito fechado sobre o homem.

### 1. Platão e as estruturas que animam a cidade e o indivíduo

---

<sup>3</sup> Ver livro de David Priestland, *Uma nova história do poder: Comerciante, Guerreiro, Sábio*, Edição brasileira publicada pela Editora Companhia das Letras.

Platão preconizou que para o homem viver bem era necessário a existência de uma harmonia entre corpo e alma. Porém, como entender, então, a metáfora do corpo enquanto cárcere da alma, comumente interpretada como uma proposta irredutível do ateniense? Uma questão a ser resolvida diz respeito ao estatuto daquilo que consideramos pela ideia de homem em Platão. Para o ateniense, o homem é um ser composto de alma e corpo, compondo um conjunto que deve atuar de forma harmônica. Assim, na *República*, o corpo é compreendido como contendo partes, ao menos três, as quais são animadas por determinadas dinâmicas da alma. Dessa forma, em função da harmonia preconizada pelo ateniense, o corpo se nos apresenta mais como parceiro do que como um cárcere para alma. Dessa estrutura do homem, passamos, por analogia, à constituição da cidade, sendo esta também um corpo - daí advindo a ideia de corpo político -, ela também é animada por uma alma, ou melhor, por determinadas dinâmicas da alma.

O corpo humano possui três partes que o compõe, por isso mesmo estas partes não se encontram dissociadas, a saber, o baixo ventre, o peito e a cabeça. A cada uma dessas partes corresponde uma dinâmica da alma e uma virtude: a sensitiva cuja virtude é a temperança, a irascível cuja virtude é a coragem e, por final, a intelectual que tem por virtude a justiça. A cidade, enquanto corpo político, também possui partes, que Platão associa às partes do corpo humano. Entretanto ele percebe que na cidade, no lugar da virtude, proliferam os vícios. Assim, o ateniense defende que a função da virtude é exatamente a de permitir a dinâmica dos jogos de poder e o movimento do corpo – na medida em que as virtudes são diretamente associadas à composição do corpo – a fim de que venha a ser dificultada a fixação dos vícios.

Desse modo, ligados a essas disposições, temperança, coragem e justiça, encontraríamos, respectivamente, três grupos sociais: os trabalhadores, os guerreiros e os magistrados. O que Platão preconiza não é o predomínio de uma das partes sobre as outras, de um grupo social sobre os demais, muito pelo contrário, ele postula um jogo de poder em meio ao qual se estabeleça um equilíbrio de forças entre essas partes que vise, mais especificamente, à melhor estrutura para o funcionamento do corpo político, ou seja, do todo.

Platão considera que na constituição da cidade faz-se necessário observar o equilíbrio nessas estruturas, a fim de que elas possam vir a conservar sua unidade enquanto corpo. No que concerne às riquezas, por exemplo, a ampliação exagerada da posse dos bens materiais por um pequeno grupo de pessoas ao mesmo tempo em que revela injustiças, disparidades e dissensões, desvela uma percepção dos jogos de poder que se instauram no corpo da cidade, corroendo pela

base suas estruturas anímicas, ou seja, as relações de equilíbrio e harmonia que compõem o corpo político, isto é, a relação entre os cidadãos.

Nesse caso específico, para Platão, a divisão social na sociedade, desequilibrada pelos jogos do poder que privilegiariam alguns em detrimento de outros, bem como pelo jugo da injustiça, se manifestaria de forma cruel. Sendo os ricos os que possuem o direito de ter e, estando os pobres condenados a nada possuírem, tal desigualdade originaria várias outras: por um lado o preconceito, a discriminação, a prostituição, e do outro a opulência, a exaltação, o luxo e a extravagância. Vejamos o que ele afirma sobre a cidade que se apresenta nestas condições: “[...] porquanto cada uma delas é, como diz o provérbio, não uma cidade, mas muitas. São pelo menos duas, inimigas uma da outra, uma dos pobres e outra dos ricos! Em cada uma destas duas há muitas outras” (PLATÃO, 1996, pp. 166-167)<sup>4</sup>.

Com a perda do equilíbrio corpóreo e anímico nos encontraríamos face ao desequilíbrio dos jogos de poder e à possibilidade de dissolução da sociedade. Contudo, não é correto afirmar que a cidade nesta circunstância se apresente destituída de alma, o que se apresenta é uma alma corrompida. Diante de tal quadro, fica evidente a existência de relações de poder que se movimentam em meio à vida do corpo político, que nos permitem constituir um diagnóstico dos problemas sociais. Essa análise, mesmo que não venha a resolver os problemas, faz emergir as ilusões que se instauram como verdades absolutas e incontestes no corpo da cidade e que, por sua vez, engendram uma das maiores violências que uma sociedade pode conhecer, a saber, o poder irrestrito sobre o corpo e a alma dos cidadãos.

Como resultado desse domínio, na cidade, aqueles que não possuem condições de sobreviver com dignidade, aqueles cujas necessidades básicas não são supridas, vivem em opressão, destituídos de sua dignidade e liberdade, alijados de toda e qualquer possibilidade de crescer enquanto seres humanos, usufruindo da oportunidade de viver e de ter potencialidades desenvolvidas. Assim como o corpo humano deve manter o equilíbrio entre as partes que o constituem, isto é, o equilíbrio entre o corpo e a alma, a cidade, por sua vez, cujas estruturas e partes se assemelham ao corpo do indivíduo, também sofre por desequilíbrios semelhantes.

E, assim, se tornam claros os paralelos entre os jogos de poder e as dinâmicas do corpo. Platão afirma que as mesmas disposições que poderiam levar o ser humano ao “equilíbrio”, poderiam também servir como subsídio para a sustentação dos pilares da cidade em sua associação política. Entretanto, em uma cidade que se sustenta pela supressão da liberdade do indivíduo, cabe perguntar de que forma e em que condições o homem pode se constituir como

---

<sup>4</sup> Ver Platão *República*, lv IV, 422d- 423a.

um ser dotado de vontade, desejos e ações livres, ou seja, como um ser animado. Ou seja, em face da supressão deste seu aspecto animado, como pensar a busca pela felicidade, ou mesmo, a perspectiva de uma vida satisfatória e prazerosa?

Tais questionamentos nos permitem considerar a necessidade de uma dialética do prazer e esta, parece implicar em elementos relacionados ao homem e à cidade, ao corpo e à alma, cujas disposições segundo Platão dirigem-se para o Bem.

*Sócrates* - Ora bem: o que Filebo afirma, é que, para todos os seres animados, o bem consiste no prazer e no deleite, e tudo o mais do mesmo gênero. De nossa parte, defendemos o princípio de que talvez não seja nada disso, mas que o saber, a inteligência, a memória e tudo o que lhes for aparentado, como a opinião certa e o raciocínio verdadeiro, são melhores e de mais valor que o prazer, para quantos forem capazes de participar deles, e que essa participação é o que há de mais vantajoso pode haver [sic] para os seres em universal, presentes e futuros. Não foram esses pontos, Filebo, mais ou menos, que cada um de nós defendeu? (PLATÃO, s.d, p. 01)

A citação do Filebo, num primeiro momento poderia ser considerada como a comprovação de uma concepção negativa do corpo que é atribuída a Platão, afinal, nesse texto o prazer e o deleite, inicialmente, são desconsiderados como a expressão do Bem. Entretanto, isso não quer dizer que eles não sejam bons e importantes para a vida. Na verdade o ateniense busca aquilo que pode ser capaz de julgar essa importância, essa relevância do prazer. Nesse sentido, de fato, o Bem estaria mais em conformidade com o saber, a inteligência, a memória, o raciocínio verdadeiro, faculdades capazes de proceder ao ordenamento das coisas, aí incluso os benefícios do prazer e do deleite.

A não compreensão dos ditames desse processo seria àquilo o que promove as “guerras” e envolve a cidade em disputas, injustiças e corrupções? Platão, como abordado acima, compreende a cidade à semelhança de um corpo e, visto que todo corpo compreende um conjunto de processos articulados que visam sua geração e conservação, é neste sentido que se deve considerar a cidade ideal proposta por ele, como a tentativa de uma construção harmônica em que os jogos de poder possam ser considerados tendo em vista as dinâmicas do corpo e da alma a fim de constituir e preservar a harmonia do todo.

Têm-se, então, que a cidade ideal é fruto da análise da cidade real e à medida que esta se apresenta estabelecida na desordem e no caos, ela permanece ao mesmo tempo passível de ser repensada, reestruturada, reerguida. É nesta perspectiva que a cidade verdadeira que deve tornar-se real não existe fora da dimensão humana. Esta cidade ideal não é inacessível, mas construída na reflexão sobre os jogos presentes e reais da conjuntura política. Esta conjuntura dá-se em meios a mecanismos assemelhados aos que encontramos nos corpos animados. Platão

**Trilhas Filosóficas** – Revista Acadêmica de Filosofia, Caicó-RN, ano VII, n. 2, p. 49 - 60, jul.-dez. 2014. ISSN 1984-5561.

compreende que tais mecanismos constituem-se em meio a um ténue jogo de forças ao qual é necessário um equilíbrio dialético. Por dialética em Platão podemos entender tanto uma forma de conhecer as coisas, como um processo, um jogo de forças em meio ao desenvolvimento das coisas, da realidade.

Em princípio a dialética é em Platão a ciência suprema. Na *República*, 533 c<sup>5</sup>, ele esclarece o lugar e a natureza das ciências particulares, a saber: aritmética, geometria, astronomia, música, ginástica, como requisitos para o exercício da atividade do filósofo. O estudo de todas as ciências particulares é indispensável, embora estas não nos forneçam o fundamento para conhecer a natureza das coisas em sua totalidade. A ciência suprema é a dialética e a esta ciência é atribuída à tarefa de investigar, averiguar ou negar as relações dadas pelas ciências particulares, aí inclusa a política.

Assim como a política, o tema do prazer, como vimos no *Filebo*, é recorrente nos diálogos de Platão, a partir do qual pode-se deduzir muitos aspectos relacionados à alma e ao corpo, sejam estes *biológicos*, *psicológicos*, *fisiológicos* ou *ontológicos*. Em todos esses aspectos,<sup>6</sup> o corpo se encontra bem presente: no saciar, no agradar e mesmo no refletir.

Do mesmo modo, no que diz respeito à alma humana, esta apresenta três atividades específicas: o ser humano pensa, sente, tem desejo dos prazeres e necessita saciar suas necessidades básicas. Estas, por sua vez, coincidem, respectivamente, com as determinações das três potências ou, como denominamos mais acima, as dinâmicas da alma que são: racional, irascível e erótica. A estas estão associadas determinadas virtudes que lhe devem ser preponderantes e que serão desenvolvidas por intermédio de uma boa educação. Nesse sentido o projeto de Platão visa, de forma preventiva, diminuir a incidência de problemas oriundos do desequilíbrio de forças e, de forma terapêutica, auxiliar a resolução dos conflitos por meio de um processo dialético.

Por dialética, no âmbito de nossa investigação, entendemos os processos relacionados aos jogos e às tensões que, presentes em meio à sociedade e ao processo político, podem conduzir a uma conciliação das forças que compreendem as relações entre os grupos sociais, representando, ademais, a forma como as partes de um corpo organizado, tendo em vista suas respectivas virtudes, participam enquanto disposições que visam conduzir o todo à consecução dos seus objetivos.

---

<sup>5</sup> Ver Platão *República*, lv VII, 531e-534.

<sup>6</sup> Nos diálogos de Platão o tema do prazer é recorrente e apresenta muitos aspectos: *biológico* (*Timeu* 64a-65b); *psicológico* (*Górgias* 494a-b - sobre a insaciabilidade do prazer); *fisiológico* (*Filebo* 45e - sobre os prazeres somáticos associados a estados patológicos do organismo, além da referência ao alívio e/ou ausência de dor física diferente do prazer em 46d-47b); *ontológico* (*República* 583e).

Platão compreende que o mal que assola a cidade e a sociedade só poderá ser superado por meio de uma reforma “radical”, quando a direção da cidade e a constituição de suas leis, que de certa forma, prescrevem os destinos da coletividade forem desenvolvidas por filósofos. Somente estes podem reconhecer o Bem e conduzir a cidade visando à justiça, condição de possibilidade para uma efetiva solução das tensões oriundas do jogo de poder presente no exercício da política.

## 2. Foucault e as relações de poder

Foucault, com os mais de 2000 anos que o separam de Platão, é também um pensador que se detém em compreender os problemas da sociedade de seu tempo. Desse modo, ao analisar as condições históricas e sociais na contemporaneidade e, mais especificamente, o jogo de forças que assujeita o indivíduo, ele nos diz o seguinte sobre a alma: “[...] a alma, efeito e instrumento de uma anatomia política: a alma, prisão do corpo” (FOUCAULT, 1987, p. 29). Esta afirmação compõe a análise da sociedade no que diz respeito à *disciplina* e à *punição*, trata-se do exercício do poder sob a conformação psico-física do homem que, possuindo uma alma, encontra-a sujeita aos processos de punição quando sua ação pessoal ou mesmo social foge aos moldes da anormalidade que lhe são impostos pela sociedade.

A expressão utilizada por Foucault, ao falar de alma como foco da punição na contemporaneidade, parece, a rigor, extrema e estranha. Entretanto, esse tipo de abordagem temática é desenvolvida pelo autor em *Vigiar e punir* e, no que tange a sua capacidade de apontar os problemas da sociedade, se mostra bastante elucidativa.

Não se deveria dizer que a alma é uma ilusão, ou um efeito ideológico, mas afirmar que ela existe, que tem uma realidade, que é produzida permanentemente, em torno, na superfície, no interior do corpo pelo funcionamento de um poder que se exerce sobre os que são punidos – de uma maneira mais geral sobre os que são vigiados, treinados e corrigidos, sobre os loucos, as crianças, os escolares, os colonizados, sobre os que são fixados a um aparelho de produção e controlados durante toda a existência. (FOUCAULT, 1987, p. 28)

Há em Foucault, como podemos ver pela citação, uma remissão à existência da alma que, além disso, se relaciona com o corpo à semelhança do que fora estabelecido por Platão. Essa relação se torna mais interessante quando consideramos que essa alma se constitui como o lugar de práticas sociais que visam um objetivo social. Se em Platão a compreensão dessa

alma a partir de suas virtudes visava conduzir a uma melhor organização do corpo social, há também em Platão, como consequência lógica de seu pensamento, muito embora não tenha sido necessariamente expresso pelo ateniense, práticas que poderiam conduzir corpo e alma para outras formas de uso social contrárias à sua disposição e, tampouco, condizentes com a boa condução do bem comum, aí estando possivelmente inclusas as práticas de controle dos homens. Nesse sentido a concepção platônica se torna atual e a configuração proposta por Foucault se aproxima da apresentada pelo ateniense.

À diferença de Platão, Foucault nos apresenta em sua análise social as formas pelas quais a alma e o corpo se tornaram lugar e objeto de práticas de controle. Foucault apresenta nas investigações arqueológicas o sujeito envolto em um jogo de forças ligado a poderes que ensejam sua disciplina e sua regulamentação. Neste sentido a alma se encontra corrompida, compondo com o corpo o *locus* do exercício da dominação, cujo propósito é um controle que visa por um lado a conformação do corpo como adequação à produção e à reprodução social. Dessa perspectiva emanam duas possibilidades do uso do corpo, dois modos principais de sua articulação em meio ao corpo maior, ao corpo social, a saber, o corpo servil, submisso e conformado ao modo de associação, e o corpo fabril, constituído segundo a lógica do modo de produção.

Em *Vigiar e punir* (1975) ao analisar a violência nas prisões e a gênese dos processos disciplinares modernos, Foucault observa que os métodos utilizados como disciplina anulam o indivíduo subtraindo-o de seu corpo. Tais métodos, ao mesmo tempo em que mostram o desprezo pelo corpo do indivíduo no âmbito do sistema prisional, apontam para o processo disciplinar moderno que se desdobra em outras esferas da sociabilidade. Nesse sentido, longe de ser uma exceção, a disciplina penitenciária é um reflexo da disciplina que se exerce no âmbito da sociedade em geral.

Do mesmo modo, em *História da sexualidade*, volume I – *A vontade de saber* (1976), Foucault nos apresenta também estudos sobre a constituição do dispositivo da sexualidade, mostrando como tais estruturas se exercem de forma contundente sobre os corpos e que são, em certo sentido, expressões dos jogos de poder baseados nas estruturas dinâmicas dos corpos em suas relações a si e a outros corpos. Vemos nessa obra as configurações históricas dos usos possíveis da sexualidade como um exercício do poder sobre o prazer, o deleite, a vontade, o conhecimento, enfim, sobre temas assemelhados aos que vimos no Filebo de Platão.

Também as obras *Vigiar e punir* e *Vontade de saber* são obras que contemplam estudos arqueológicos sobre o tratamento que é dado ao corpo e, sob que condições o corpo produtivo procura atender ao controle social e à produção material exterior e mercadológica. Isso se dá

**Trilhas Filosóficas** – Revista Acadêmica de Filosofia, Caicó-RN, ano VII, n. 2, p. 49 - 60, jul.-dez. 2014. ISSN 1984-5561.

devido à disciplina que se exerce sobre o corpo escravizado, submetido aos jogos e aos ditames do poder.

Contudo, se por um lado temos nas instituições sociais e por toda a história da humanidade fatos que nos colocam diante de dispositivos de poder que são úteis como mecanismos de controle, por outro lado temos, segundo Foucault, a capacidade para reconhecer tais mecanismos e, por sua vez, lutar contra os mesmos.

Os saberes científicos em geral, a saber, a sociologia, a antropologia, a psicologia, etc., investigam a questão do surgimento do homem enquanto nova figura de conhecimento a partir do advento da modernidade. Para Foucault tal investigação não diz o que é o homem, este permanece como objeto insubmisso a qualquer descrição, por isso mesmo, em *As palavras e as coisas*, ele inicia seu discurso declarando “*a morte do homem*” como evidencia da falência de um conceito outrora compreendido como acabado, definido ou fechado.

Neste sentido, tal concepção mostra um esgotamento nas ciências humanas em relação a uma definição clara de seus próprios objetos. O resultado disso é que o homem não mais se caracteriza enquanto um objeto ou um corpo essencializado, hipostasiado e, tampouco, como um objeto estanque pronto e acabado para uma investigação científica propriamente dita.

A despeito de que possamos vir a considerar o homem na perspectiva factual dos aspectos associativos, produtivos, econômicos, religiosos, etc., em meio aos quais podemos depreender caracteres ligados ao seu modo de ser fabril, servil e submetido nos modos de produção e reprodução sociais que são visíveis na sociedade contemporânea, estes, por sua vez, não podem ser considerados como verdades que se estabelecem de forma absoluta, pois tanto na individualidade quanto na politicidade do corpo, o homem se constitui em meio à história. O sujeito moderno que se encontra “morto” enquanto objeto de uma teoria unívoca, encontra-se, por outro lado, disperso nas inter-relações subjacentes aos jogos de poder, de saber e de domesticação do corpo e da alma. Nessa perspectiva tem-se um sujeito ainda não definido, aberto e a se fazer em sua trajetória histórica, em meio a dinâmicas cujos reconhecimentos são essenciais para a prática da libertação humana.

Em um debate presente nos *Ditos e escritos VIII*, podemos encontrar uma discussão entre Fourquet, Guattari e Foucault os quais procuram tentar compreender se “*a cidade é uma força produtiva ou de antiprodução*”, tendo em vista considerar a politicidade do corpo ou, por outro lado, o corpo da cidade. Tais questionamentos, ainda, desdobravam-se, por outro lado, sobre uma compreensão da produção no âmbito do capitalismo.

Guattari afirmava que: “A cidade é o lugar onde são desterritorializadas as comunidades primitivas, [...] Cada vez mais se identificam a cidade e o corpo sem órgãos do capital: da capital  
Trilhas Filosóficas – Revista Acadêmica de Filosofia, Caicó-RN, ano VII, n. 2, p. 49 - 60, jul.-dez. 2014. ISSN 1984-5561.

ao capital [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 16)<sup>7</sup>, promovendo um conceito interessante para se pensar a cidade face ao jogo de forças existentes no sistema capitalista. Por oposição à estrutura da *República* de Platão, a ideia de um corpo sem órgãos compreende a noção de uma reestruturação do corpo social. Ou seja, na ausência de uma estrutura definida, os órgãos que compõem o corpo podem se reestruturar, se reordenar, se reorganizar tendo em vista um melhor funcionamento para uma determinada situação.

Todavia, no sistema capitalista o que ficou cristalizado foi exatamente o contrário dessa ideia, ou seja, que a sociedade para se manter necessita de estruturas fixas cuja mudança consiste simplesmente na troca das peças que não funcionam, que não se encaixam bem na estrutura da máquina produtiva, ou mesmo que não produzam de forma adequada. Vale a pena salientar que tais peças são, na verdade, os corpos das pessoas com seus desejos, volições, necessidades, em outras palavras, que aqui nos atrevemos a nomear como, sua alma.

Essa dinâmica baseada no fixismo da maquinaria corrobora o fortalecimento dos aspectos produtivo e submisso, fabril e servil do sistema capitalista, enraizando-se de tal forma que passa a se constituir como a única verdade do corpo, estabelecendo-se definitivamente como o motivo que anima tanto a individualidade quanto a politicidade do corpo. Temos assim constituída uma dinâmica que subjuga o corpo e a alma, uma articulação do corpo social que se constitui e se reforça por uma referência a um exercício de saber e de poder:

Esta alma real e incorpórea não é absolutamente substância; é o elemento onde se articulam os efeitos de um certo tipo de poder e a referência de um saber, a engrenagem pela qual as relações de poder dão lugar a um saber possível, e o saber reconduz e reforça os efeitos de poder (FOUCAULT, 1987, p. 28).

O “poder” do sistema de produção prevalece. Ele se fortalece e se reproduz em meio aos seus saberes e práticas. Deste modo, Foucault alerta para a forma como o sujeito é compreendido em meio a essa dinâmica. Enquanto a situação arqueológica permite perceber todos os aspectos que se inserem no poder, por outro lado, como nos afirma Foucault, considerando que “*onde há poder, há liberdade*”, tem-se que nas estruturas deste poder coexistem os meios de funcionamento, as funções e os efeitos que se caracterizam como relações de poder, elementos que se entrelaçam nos equipamentos coletivo da cidade e que exibem implicações genealógicas. Daí que considerando os dados arqueológicos e históricos do corpo do indivíduo, do corpo da cidade em suas estruturas, Foucault os eleva a sua

---

<sup>7</sup> *Ditos e escritos VIII*, edição brasileira publicada pela Forense Universitária.

politicidade dando-nos elementos para tentar escapar desse intrincado jogo, que é o do poder, por meio de dinâmicas mais adequadas à constituição do corpo e da alma tendo em vista uma conquista cada vez mais acentuada da liberdade.

## Conclusão

O pensamento de Platão foi considerado pelos seus críticos como idealista e conservador pela maneira como ele pensa e compõe a cidade. Ainda podemos escutar filósofos apontando o ateniense como um defensor de uma teoria das castas sociais ou mesmo como um inimigo da liberdade<sup>8</sup>. Entretanto, o que Platão propõe é a compreensão de que a cidade, como um corpo animado, constitui-se por um jogo de forças que, em função de um justo equilíbrio, tende a manter-se íntegro, daí a disposição da cidade proposta e empreendida pelo filósofo que, longe de ser uma concepção elitista, conservadora ou aniquiladora da liberdade, tem em vista promover a melhor ordenação do corpo político em função dos seus fins, a saber, o bem de todos.

Foucault, em suas considerações sobre o poder, alerta para a forma como o sujeito é compreendido em meio a essa dinâmica, chamando a atenção para o cuidado que devemos ter para que este não venha a ser considerado como uma coisa. Fica também evidente em Foucault uma compreensão sobre a existência das relações de poder que se movimentam no modo de produção capitalista. Tal compreensão, mesmo que não venha a resolver os problemas sociais, pelo menos faz emergir as ilusões instauradas como verdades absolutas e incontestes no corpo da cidade, as quais sedimentam a violência e corroboram para as formas de assujeitamento. Mesmo que em Foucault não tenhamos soluções, ao menos temos o desvelamento dos mecanismos presentes nos jogos de poder, como condição para a construção de saídas possíveis dessas dinâmicas que são perversas.

Nesse sentido, podemos inscrever Foucault como um dos que, muito embora não associado ao projeto platônico, foi capaz de seguir a mesma intuição, a saber, a compreensão acerca do desequilíbrio de forças que impera na sociedade de controle e, a propor ao seu modo, considerando a história e os limites da sociedade contemporânea, a constituição de um sujeito

---

<sup>8</sup> Karl Popper, em *A Sociedade aberta e seus inimigos*, coloca Platão entre os principais opositores da ideia de liberdade.

ético e de uma estética da existência<sup>9</sup>. É nessa perspectiva que Foucault nos afirma em *História da Sexualidade II*, que “Existem momentos na vida nos quais a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar e refletir”.

## Referências

PLATÃO. *Filebo*. Lisboa, Portugal: Europa-América Ltda, (s/d).

PLATÃO. *República*. (8ª Ed). Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

FOUCAULT, Michael. *Vigiar e punir* (19ª Ed). Rio de Janeiro, BR: Editora Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michael. *História da Sexualidade 2* (6ª Ed). Rio de Janeiro, BR: Edições Graal, 1990.

FOUCAULT, Michael. *Ditos e escritos VIII* (1ª Ed). Rio de Janeiro, BR: Forense Universitária, 2012.

---

<sup>9</sup> Tais abordagens aparecem tanto na *Hermenêutica do sujeito* como em *História da sexualidade*, em seus volumes: I - *O uso dos prazeres* e II - *O cuidado de si*.